

a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO



Projeto Construindo e
Preparando o Futuro
faz 10 anos

Ajude-nos a manter acesa A Chama!

Sabe aquela foto superlegal que você guarda de um momento especial vivido no Colégio? Se não você, seus pais, seus irmãos, amigos, vizinhos ou parentes que estudaram aqui? Pois é, elas podem ilustrar a seção **Ontem e Hoje**, que retrata a vida no São Vicente ao longo de sua história. Trata-se de um dos espaços mais curtidos da revista e você pode ajudar na sua confecção enviando sua foto antiga ou atual para publicação.

Talvez você prefira participar da produção d' **A Chama** ilustrando os textos com seus desenhos ou fotografias? Tudo bem. Desde seus primórdios, a revista sempre contou com a talentosa colaboração dos alunos e elas continuam sempre bem-vindas!

Então, se você também quer fazer parte desta equipe é só se comunicar conosco e dizer como quer participar. Escreva para revistachama@csvp.g12.br.

Mande também seus comentários sobre as matérias, sugestões de pauta para a próxima edição e tudo o mais que faça a nossa **A Chama** brilhar cada vez mais forte.

Fale conosco! Participe!

CAPA: A MONITORIA DA EJA É PARTE DO PROJETO **CONSTRUINDO E PREPARANDO O FUTURO**. MAITÊ CHRISTINO, DO 3ºC, E YURI BOTSARIS, DO 3ºB, SÃO MONITORES HÁ DOIS ANOS.

ADENDO: O PROFESSOR DE PORTUGUÊS ANDRÉ MUCCI, CUJO PERFIL FOI PUBLICADO NA EDIÇÃO ANTERIOR D'A CHAMA, É TAMBÉM MESTRE EM EDUCAÇÃO PELO PPGE/UFRJ, ALÉM DE GRADUADO EM LETRAS (PORTUGUÊS E LINGUÍSTICA) PELA MESMA UNIVERSIDADE.



a chama

Revista editada pela Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XLII Nº 90

Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22241-125

Agosto/ 2015

Telefone: (21) 3235-2900 e-mail: csvp@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Padre Agnaldo Aparecido de Paula e Tulio Vasconcellos

Reportagem: Rodrigo Prestes e Rosa Lima

Edição de Textos: Rosa Lima

Revisão: Pe. Maurício Paulinelli

Projeto gráfico e Produção Editorial: Christina Barcellos

Fotos: arquivo CSVP - Jairo de Paula, João Luiz de Oliveira, arquivo CPF, arquivo Leticia Rangel Tura, arquivo Maíra Tura, arquivo Thaís Lima, Eduardo Biermann, Gustavo Negre, Maria Clara Borges, Marcela Almeida, Joka e Christina Barcellos

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem: 2 mil exemplares

Jornalista Responsável: Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Presidente: Carlos Diniz Marques Campos e Flavia Fioruci Bezerra

Vice-Presidente: Simone Fuss Maia da Silva e Angelo Maia da Silva

Relações Públicas: Tulio Vasconcellos e Sheila Ornellas Guimarães

Secretária: Lucia Carvalho Coelho e Fernando José Rodrigues

Tesoureira: Verônica de Gusmão Mannarino e Alvaro Kilkerry Neto

Representante dos Professores: Jéssica Moura Dias Campos

Assistente Eclesiástico: Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

Conselho Fiscal: Neuza Miklos/ Álvaro Barbosa de Carvalho, Marlene Martins

Duarte/ Ronaldo Souza Soares, Sheila O. Guimarães/ Flavia F. Bezerra

Secretário da APM: Edevino Panizzi

sumário

2 AÇÃO SOCIAL
Os 10 anos do projeto CPF-
Construindo e Preparando o
Futuro

6 ESPORTE
Exemplo de perseverança

Academia e saúde

8 GRÊMIO
O Cineclube CSVP

As chapas eleitas

10 EX-ALUNO
Leticia Rangel Tura e a luta
pela ecologia

12 ONTEM E HOJE

14 COMO SE FAZ
Ex-alunos falam das
profissões que abraçaram

18 FÓRUM
Palestras e filme inspiram
debate sobre situações de
risco

21 NOTAS

24 APM
Resultado do II Concurso
de Fotos Pe. Lauro Palú

editorial

A Chama deste trimestre abre com uma reportagem sobre os 10 Anos de um projeto que é “uma marca da nossa escola” (Helcio Alvim, Coordenador Pedagógico), e que já recebeu Menção Honrosa do Prêmio Escola Voluntária. **O Projeto Construindo e Preparando o Futuro, CPF**, da Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), mantenedora do Colégio, aqui no São Vicente dá oportunidade aos Alunos de conhecerem uma outra realidade de Brasil, diferente desta da zona sul carioca.

Dentre os vários depoimentos de Alunos participantes do CPF, temos o da Maíra, do 3ºB e filha da **Transformadora Social** desta edição, Leticia Rangel Tura.

Leticia foi Aluna do CSVP de 1984 a 1988, período em que os projetos sociais do Colégio aconteciam através do Graúna, fundado a partir da visita do Betinho à escola e, as atividades dos Alunos se restringiam ao perímetro urbano do Rio. Não existia o CPF, na modalidade e alcance que ele tem hoje, porém a formação crítica e o olhar para o outro e o coletivo, estimulados no CSVP, foram importantes na sua formação.

Outra matéria bacana é sobre o CineClube CSVP, uma proposta do GRECO, que integra Alunos do EM e 9º ano EF com os da EJA, promovendo debates sobre filmes nacionais. Se me permitem uma sugestão, projetaria “Cine Holliúdy”, filme nacional que conta a paixão pelo cinema de um cabra-macho arretado.

Remexendo no baú, lembramos outra iniciativa do Grêmio, em 1975, que organizou um show com Milton Nascimento e Som Imaginário (Wagner Tiso, Toninho Horta e Nivaldo Ornelas), que engarrafou a rua das Laranjeiras.

Isabela, nossa Bailarina que manda bem no Atletismo, e o toque responsável do Professor Ricardo, de Educação Física, que academia nem sempre é sinônimo de saúde. As chapas vencedoras do Minigrêmio e do Gregi. O bate papo de ex-Alunos de várias épocas sobre profissões que abraçaram. O ciclo de palestras sobre “Como Lidar com Situações de Risco”, iniciativa das Coordenações e APM.

Finalizando, as belas imagens vencedoras do II Concurso Fotográfico Padre Lauro Palú.

Boa leitura, espero que gostem!

Carlos Diniz

Escola em missão



Professores da rede municipal de Chapada do Norte, MG, participam da Oficina de Gestão Escolar



Atividades da Oficina de Português e Matemática, também em Chapada do Norte



Um dia na Oficina de Música com jovens de Francisco Badaró, MG

Projeto Construindo e Preparando o Futuro completa 10 anos envolvendo Alunos, Professores e Funcionários do Colégio com a prática da transformação social

Em plenas férias de janeiro último, três Alunos do Ensino Médio do São Vicente, acompanhados de outros três já formados, mais alguns Professores, Coordenadores, Psicóloga, Assistente Social e Funcionários da administração embarcaram por uma semana rumo ao Vale do Jequitinhonha, no Norte de Minas. Não se tratava de excursão de turismo, mas de viagem de trabalho, para desenvolver projetos sociais com os Professores e jovens da região. Trabalho voluntário. As cidades-destino foram Francisco Badaró e Chapada do Norte, no sertão mineiro, a mais de mil quilômetros do Rio.

Maíra Tura e Guilherme Sodré, do 3º B, iam pela primeira vez, para participar do projeto *Educação*

através de imagens, coordenado pela Professora Valéria Baptista, de Filosofia. “A partir da exibição de fotos e vídeos, fizemos oficinas de conscientização com os jovens das comunidades quilombolas da região, inseridos no trabalho intensificado do corte de cana. Foi uma experiência muito interessante”, conta Maíra, de 17 anos.

Ela e Guilherme (que completou 18 anos na viagem) pensam em estudar Ciências Sociais e, para ambos, o trabalho de campo, para o qual foram treinados ao longo do ano passado, foi muito gratificante. “Foi ótimo, muito engrandecedor, pude ver outras realidades do Brasil e isso me dá uma visão de mundo maior”, afirma Guilherme, que, assim como Maíra, quer voltar ano que vem.

As oficinas com jovens fazem parte de um projeto maior, o *Construindo e Preparando o Futuro* (CPF), que está completando 10 anos com expressivos resultados. Em 2010, o CPF, desenvolvido pela Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), mantenedora do Colégio, recebeu menção honrosa do Prêmio Escola Voluntária, da Rede Bandeirantes e do Itaú Social. Desde que foi criado, cerca de 70 Alunos do São Vicente já participaram do projeto nas diversas cidades envolvidas, sem contar a média de 96 Estudantes que a cada semestre atuam como monitores da EJA - Educação de Jovens e Adultos, e as 305 bolsas de estudos integrais ou parciais oferecidas a cada ano, tanto a Alunos do diurno quanto da EJA.

Posicionamento como cidadão

Levar os Alunos do Ensino Médio a conhecer realidades tão próximas e ao mesmo tempo tão distantes, para que reflitam sobre seu crescimento pessoal e seu posicionamento como cidadão no mundo, é o principal objetivo da Monitoria da EJA. Ela teve início em 2005, aberto para Alunos voluntários do 2º e 3º anos do Ensino Médio. “No primeiro ano, apenas dois Alunos participaram. Depois o número de interessados foi crescendo gradativamente. No ano passado, teve ampliação para envolvimento de todo o Ensino Médio e participação, excepcional, de quatro Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, que mostraram grande interesse”, conta Flávia Almeida, Assistente Social da Província, responsável por toda a logística do Projeto CPF.

Para Maria Eleonora Caldeira, a Xuxu, Psicóloga do turno da noite e Coordenadora dos projetos de Empreendedorismo Social e Monitoria da EJA, os resultados para os Alunos do noturno também são muito positivos. “A monitoria dos Alunos da manhã melhorou muito a auto-estima dos Alunos da EJA. Hoje eles já têm até um grêmio, o Greja, o que seria impensável há tempos atrás”, disse.

No interior do país, o projeto Construindo e Preparando o Futuro teve início em janeiro de 2006, em Serra do Ramalho, no semi-árido baiano, onde funciona uma das casas da Província. Padre Neider Gonçalves de Freitas, atual Coordenador de Projetos Sociais da PBCM, era então vigário paroquial na localidade, e conta como foi. “Depois do projeto social pioneiro realizado em Cocos, Bahia, entre os anos 2000 a 2004 e sob a coordenação do Padre Maurício Paulinelli e o, então, Diácono Geraldo Mól, a ideia foi levar Professores do Rio para trabalhar junto aos Docentes da rede municipal de Serra do Ramalho, num projeto de formação continuada, na linha da pedagogia transformadora. Desde o início, os Alunos do São Vicente foram integrados ao projeto, atuando como monitores.”

Conscientização de direitos

Com duração de cinco anos e o objetivo final de garantir que cada unidade escolar local tivesse seu projeto pedagógico, o CPF atendeu cerca de 500 Professores municipais por módulo, em Serra do Ramalho. “Para a comunidade, o maior ganho é o da conscientização de direitos”, diz Padre Neider.

Já em 2007, o CPF se estendeu a Carinhanha, cidade vizinha a Serra do Ramalho. Ali, o público-alvo eram os jovens e tinha como objetivo estimular o protagonismo deles em ações relativas à família, à escola, ao meio ambiente e à comunidade como um todo. Foram oito módulos, desenvolvidos ao longo de quatro anos, em dois encontros anuais de uma semana cada, sempre em janeiro e julho. “Como é um trabalho com a juventude, trabalha-se com uma linguagem muito lúdica, através de oficinas de artes (música, arte, dança e teatro), procurando resgatar e valorizar a cultura local”, diz Flávia Almeida.

Do Sul da Bahia, o projeto CPF foi se estendendo para Riacho Fundo II, no Distrito Federal, com formação de lideranças, e ao Nordeste de Minas,

Em 2010, o CPF recebeu menção honrosa do Prêmio Escola Voluntária, da Rede Bandeirantes e do Itaú Social

onde está atualmente. Além de Francisco Badaró, há ações nos municípios de Chapada do Norte, Jenipapo de Minas e Cachoeira do Norte, envolvendo trabalhos com a juventude, formação de Professores e educação ambiental.

Para o Coordenador Hélcio Alvim, os Alunos do São Vicente têm uma aprendizagem imensurável participando desses projetos sociais no interior. “Tem algo de postura mais responsável e respeitosa diante da vida, que eles aprendem. E há também um crescimento na comunidade escolar como um todo, que é esse da perspectiva de uma Escola em missão, aquela que vai ao encontro do outro, que se coloca em favor dos mais pobres e da transformação social. Como Colégio, isso é uma marca nossa”.

Uma experiência que se leva para a vida

A participação dos Alunos nos projetos sociais do São Vicente é ativa em todas as suas etapas. No planeamento, na construção de instrumentais, na execução das atividades, no registo e na avaliação do processo e dos resultados alcançados. Uma experiência que se leva pela vida toda. Que o digam os ex-Alunos do Colégio, que mesmo depois de formados seguem participando dos projetos. Como Ana Paula Pellegrino, de 24 anos, e Thaís Lima, de 20.

Ana Paula formou-se no São Vicente em 2008, fez graduação e mestrado em Relações Internacionais e hoje trabalha com pesquisa na área. Desde 2007, ela já fez várias viagens com o projeto Construindo e Preparando o Futuro.

“A experiência que tive participando do CPF foi central na minha vida. O projeto desenvolveu em mim uma aptidão que direcionou muito minha escolha profissional. Isso sem falar no aprendizado prático, de concepção e gestão de projetos, que eu trouxe para o meu dia-a-dia de trabalho e uso até hoje”, diz Ana Paula.

Já Thaís Lima concluiu o São Vicente em 2013 e hoje está no 3º período de Pedagogia na PUC-Rio. Ela descobriu o CPF nas aulas de Empreendedorismo Social, no 1º ano do EM, e continua participando até hoje.

“Já fui monitora dos Professores de história e de biologia. No próximo módulo, vou trabalhar como monitora de pedagogia, que vai funcionar como um estágio pra mim. Uma das coisas que mais me tocam nessas viagens é lidar com uma perspectiva de vida muito diferente da nossa. Você começa a dar valor a coisas que no cotidiano nem passam pela sua cabeça”, conta Thaís.



Acima, a ex-aluna Thaís Lima, que participa do CPF desde 2013. No alto à direita, a Psicóloga Eleonora Caldeira dá orientações a alunos monitores da EJA; e ao lado, a professora Valéria Baptista (na ponta direita, de blusa azul) com participantes do projeto “Educação através de imagens”.



Edevino Panizzi, coordenador do projeto e secretário da APM

O Projeto Caixa de Abelhas

Os Pais também podem participar do *Construindo e Preparando o Futuro*. Um bom exemplo disso é Edevino Panizzi, secretário da Associação de Pais e Mestres, e Pai dos ex-Alunos Thiago e Raphael. Em julho de 2006, com o apoio financeiro da APM da qual era então

diretor-tesoureiro, ele deu início ao projeto Caixa de Abelhas, na Agrovila 7, em Serra do Ramalho. O objetivo era melhorar a qualidade de vida de famílias rurais através da apicultura, atividade totalmente executada por voluntários, em parceria com os setores público e privado, de forma multiplicadora e de autogestão.

“Trinta apiários foram criados naquele município. Os apicultores são reunidos em associações. E o Centro de Beneficiamento do Mel foi construído em parceria com uma delas, a Codevasf. Em Serra do Ramalho, o projeto já se expandiu para outras agrovilas. Atualmente, ele é custeado pela Província Brasileira da Congregação da Missão e executado por voluntários”, revela Panizzi, autor e responsável pela execução do projeto.

O Caixa de Abelhas hoje está sendo desenvolvido em Chapada do Norte, no semiárido do Vale do Jequitinhonha. No início, em torno de 100 famílias rurais serão beneficiadas pelo projeto. Eles já têm

a doação de um terreno na cidade, com uma casa antiga, que será reformada para instalar outro Centro de Beneficiamento de Mel.

Produzido pela abelha da espécie africanizada (*apis mellifera scutellata*), o mel de aroeira é todo vendido e já chegou ao Japão e à Alemanha. É um mel escuro, difícil de cristalizar, desconhecido do mercado, mas de propriedades medicinais, e que já foi exposto em Feiras de Qualidade de Vida, no Colégio São Vicente.

A pesquisadora Esther Bastos identificou um componente nesse mel que cura o problema da gastrite (<http://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2014/04/pesquisa-pioneira-estuda-mel-produzido-no-norte-de-mg.html>). A pesquisa beneficiará 55 municípios da região. Maiores informações sobre o projeto podem ser vistas no youtube (www.youtube.com, 01 Projeto Caixa de Abelhas até 30 Projetos Caixa de Abelhas). São mais de 30 cliques sobre ele.

Educando através de imagens e reflexões

O projeto “Educação através de imagens” no Colégio São Vicente iniciou-se durante as aulas de Filosofia no ano de 2014, fruto de uma parceria com o Professor José Roberto Novaes, do Instituto de Economia da UFRJ, com o objetivo de promover a conscientização sobre as condições de trabalho no corte de cana no Brasil.

Assim, formou-se um grupo de estudo com jovens, Alunos e ex-Alunos do Ensino Médio de diversas escolas do Rio de Janeiro: do CSVP, do CAP UFRJ, Pedro II, para realizar oficinas e apresentações utilizando fotografias, vídeos, slides entre outros recursos visuais disponíveis sobre o tema. Ao longo do processo, muitos encontros foram fundamentais para o crescimento deste grupo, que se reúne pelo menos duas vezes ao mês para assistir a filmes, discutir textos e participar de debates realizados, também, por Pais de Alunos, que são antropólogos e cientistas políticos.

O nosso trabalho em campo iniciou-se com apresentações, no CSVP, para o 7º ano do EF nas aulas de Geografia da Profª Roseli. Em janeiro deste ano, realizamos uma oficina no Projeto CPF, em uma comunidade rural do Vale do Jequitinhonha, local de onde saem muitos jovens para trabalhar temporariamente nas usinas de açúcar de São Paulo. No mês de maio e junho, nos apresentamos outra vez para o 7º ano e todo o Ensino Médio diurno e da EJA e também com oficina no 10º Encontro da Família Vicentina, Região do Rio de Janeiro, para algumas lideranças religiosas. O objetivo do próximo semestre é caminhar para as escolas públicas do Município do Rio e Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio- EPSJV, da Fiocruz.

O grupo também conta com a orientação dos Professores Valéria Baptista, de Filosofia (EM diurno e EJA - CSVP); Paulo Henrique, de Geografia (EM diurno CSVP e EPSJV/Fiocruz); com a participação de Tomás Amorim, geógrafo e ex-Aluno do CSVP, Flávia Almeida, assistente social da PBCM, e Carmen Thompson, psicanalista e artista plástica. E com os jovens responsáveis pelas oficinas no projeto, hoje: Alice Fatorelli, Alice Machado, André Rezende, Barbara Perez, Bernardo Agrelos, Cecília Werneck, Gabriel Santos, Gabriela Saad, Guilherme Barros, Helena Telles, Helena Young, Joana Lopes, Julia Campos, Julia Fleury, Letícia Iglesias, Luiza Diniz, Luiza Lubiana, Maira Tura, Marcele Jannuzzi, Maria Carolina Castro, Maria Scarpa, Marina Mainhard e Sofia Ferreira.

Profª. Valéria Baptista



Exemplo de perseverança

Bolsista do colégio desde 2009, a aluna Isabella Delfim desponta na dança e no esporte e conta sua história de garra e dedicação

“Eu sempre gostei de dançar e de correr.” Com essa frase a Aluna Isabella Delfim, 18 anos, começa a contar sua história. Moradora do Morro dos Guararapes e estudante do Educandário da Misericórdia, entre o Jardim I e o 5º ano do Ensino Fundamental, foi lá que Isabella começou a dançar balé, aos 5 anos de idade. Também foi lá que aprendeu, desde cedo, o valor do sacrifício e da dedicação.

Já no Educandário da Santa Casa de Misericórdia tinha quatro horas de aulas sistemáticas por dia, com um foco em uma educação moral, cívica e religiosa profunda e mais quatro horas de estudos dirigidos e de reforço. A dedicação aos estudos também era aplicada à dança e, aos 12 anos, Isabella ingressou na Escola de Dança, Artes e Técnicas do Theatro Municipal Maria Olenewa, a primeira, principal e mais importante escola de dança do país, que já formou nomes como Bibi Ferreira e Roberta Márquez, hoje primeira-bailarina do Royal Ballet de Londres.

No mesmo ano em que entrou para a Escola de Dança, Isabella também alcançou outro feito que influenciaria sua vida para sempre: passou como bolsista para o Colégio São Vicente de Paulo. A partir daí os estudos ficaram ainda mais sérios, principalmente em história, matéria na qual tem maior dificuldade. Com sua formação profissional em balé pela Escola do Theatro Municipal em vias de conclusão, Isabella recentemente descobriu ainda outro talento: o atletismo.

“Eu via muito esporte e queria correr. E os Professores me disseram que eu tinha um potencial para a corrida; nas olimpíadas, o técnico sempre falava que eu tinha o perfil, que eu era rápida”, conta Isabella. “Minha mãe fazia um curso de espanhol na Alerj, e uma amiga do curso treinava na Escola de Educação Física do Exército. Ela fez um contato lá, eu fui, fiz um teste, e o técnico dela acabou virando meu Professor também.”



Para o Prof. Ricardo, Isabella é uma vencedora

De dois anos para cá, quando começou a correr, Isabella já faturou uma medalha de ouro: no 32º Intercolégio Oi Galera/O Globo, no CEFAN (Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes), no final do ano passado. Este ano ela está novamente inscrita para defender o Colégio no evento. O Professor de educação física Ricardo Oliveira, que dá aulas para o 9º ano do EF e para a 1ª. série do EM relata:

“Acredito que quando as coisas são muito fáceis não são valorizadas como deveriam. Vejo na Isabella uma vencedora. Nada para ela veio fácil. Tudo foi com muito trabalho e dificuldade. Ela consegue lidar com o atletismo em alto nível de treinamento, com escola de balé e ainda se dedica a sua escola de samba como passista que, por sinal, exige muito preparo físico. Isabella realmente é especial!”

Com treinos de balé e corrida seis dias por semana, necessidade de manter a bolsa e muita coisa para estudar, Isabella diz ser muito grata principalmente à Mãe, sua melhor amiga e conselheira, sem a qual nada teria alcançado. E sonha grande: “Em 2020 quero representar o Brasil nas Olimpíadas. E quero conhecer o mundo, Dubai, Las Vegas... Eu vou correndo!”, brinca.

Academia nem sempre é sinônimo de saúde

O culto ao corpo sarado leva cada vez mais adolescentes às salas de musculação. Prof. Ricardo, da Educação Física, chama atenção para os perigos dessa prática indiscriminada

O público que recentemente lotou o Riocentro para ver de perto corpos supertrabalhados de fisiculturistas dá a medida do sucesso do chamado mundo *fitness* nos dias atuais.

Professor de Educação Física há 27 anos no Colégio São Vicente, onde dá aulas para o 9º. ano do Fundamental e para todo o Ensino Médio, Ricardo Oliveira da Silva vem constatando um aumento crescente de adolescentes em academias, em busca de corpos musculosos. Segundo ele, as atividades de força podem ser benéficas aos jovens se forem bem orientadas, mas a prática indiscriminada leva a erros e exageros. Há caminhos mais interessantes a seguir, sugere.

“Confinar um adolescente de 12 anos numa sala de musculação não seria, do ponto de vista de seu desenvolvimento, o mais aconselhável; seria bem

mais proveitoso e prazeroso para ele estar no meio de outros jovens se sociabilizando, fazendo um esporte, algo mais lúdico e com mais motivação”, pondera Ricardo.

E, segundo ele, mesmo falando do ponto de vista estritamente físico, a maioria dos jovens até 14 anos não tem ainda um desenvolvimento integral do corpo capaz de responder satisfatoriamente a um trabalho de musculação. O Professor, que além de formado em Educação Física pela UFRJ, e em Fisioterapia, pelo Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR), tem pós-graduação em ambas as áreas e mestrado em Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco, diz que costuma usar uma analogia com seus Alunos de 9º ano.

“Trabalho com eles o que eu chamo da teoria da pipoca. Existe um momento exato para cada milho estourar. O momento de ir para uma academia também não pode ser o mesmo para todos. Se um jovem ainda não tiver atingido a maturidade de seu sistema endócrino, não adianta ele malhar que não vai ganhar massa muscular e ficar forte como imagina, porque seu corpo não produz ainda, em quantidade suficiente, as substâncias que possibilitam isso”, explica.

E, é justamente em busca de músculos fortes e definidos que os jovens se expõem a riscos não só de lesões, mas de problemas mais sérios decorrentes do uso inadequado de suplementos nutricionais ou mesmo de drogas ilícitas, como os esteroides anabolizantes, as chamadas bombas, usadas erroneamente para ganho de massa muscular.

“Às vezes os Pais estão tranquilos pensando que o Filho está passando suas tardes num lugar seguro, praticando atividades saudáveis, quando na verdade ele pode estar ao lado de um traficante de drogas muito perigosas”, alerta Ricardo. De acordo com ele, essas drogas, à base de testosterona, são vendidas e usadas de forma indiscriminada e sem nenhuma orientação, com sérios riscos ao organismo humano.

Para os jovens, sobretudo, as consequências são muito graves, como desequilíbrios no sistema endócrino, que podem interromper o crescimento precocemente, sobrecargas perigosas no fígado e no coração, alterações na pele e nos ossos, e nas meninas, engrossamento da voz e interrupção da menstruação. “Trata-se de um problema de saúde pública. Há casos relatados de garotos que tomaram hormônios de uso veterinário que causaram tanta ‘pressão’ nos músculos dos braços que eles estouraram”, revela o professor.

Também os suplementos nutricionais, vendidos em muitas academias, apesar de não serem proibidos, não devem ser usados sem orientação. “Para a maioria das pessoas, uma alimentação equilibrada é suficiente para manter a saúde. Na dúvida, o melhor é consultar um nutricionista”, diz.

Por conta de todos os riscos que envolve esse universo *fitness*, Ricardo aconselha bastante critério na escolha de uma academia. Segundo ele, os Pais não devem ter medo de “pagar mico”. Precisam se valer da prerrogativa de educadores e conhecer pessoalmente a academia que seu Filho quer frequentar, além de orientá-lo sobre a atividade mais apropriada a seu perfil e idade. “É preciso chamar atenção para os modismos e os perigos presentes nas academias. Saúde é muito mais do que músculos”, finaliza Ricardo.



Uma forma lúdica de aprender e conviver

Cineclube CSVP integra Alunos dos turnos diurno e noturno promovendo exibições e debates sobre filmes brasileiros atuais

Responsável pela formação cinematográfica de grandes cineastas, tais como Wim Wenders e François Truffaut, na Europa, e Glauber Rocha e Cacá Diegues, no Brasil, o cineclube, aquela agremiação cujos membros se reúnem para ver, refletir e debater cinema, já tem nova versão vicentina. É o Cineclube CSVP, que desde o início do ano vem exibindo e promovendo discussões sobre filmes no Colégio.

A ideia partiu de alguns membros do Grego, o grêmio do Ensino Médio, que trouxeram a experiência de outras escolas por onde passaram. Foi o caso de Gabriela Saad, do 2º A, e Rosa Ciavatta, do 2º B, desde o ano passado no São Vicente. Mas o objetivo não era que o cineclube pertencesse ao grêmio, mas à toda a comunidade escolar. “Decidimos passar em todas as turmas, divulgando a ideia e convidando quem quisesse participar. A partir daí, formou-se um grupo para organizar o cineclube, pensar os temas e os filmes a serem exibidos. Para facilitar a comunicação entre os participantes, criamos uma página e um grupo no Facebook, o Cineclube CSVP. Quem quiser participar é só pedir pra entrar”, explica Gabi. Hoje o grupo conta com 46 membros, que sugerem e votam o tema a ser debatido e escolhem o filme a ser projetado no cineclube.

As sessões não têm periodicidade certa, dependem do calendário escolar, mas acontecem sempre às 19h, de forma a atender tanto os Alunos dos turnos diurnos quanto o pessoal da Educação de Jovens e Adultos, a EJA, que estuda à noite. O primeiro filme, exibido em março, no auditório, foi *O som ao redor*, de Kleber Mendonça Filho, dentro do tema cinema brasileiro contemporâneo.

O segundo tema votado foi arte urbana, e a projeção aconteceu durante a Semana Cultural, em abril. O filme escolhido foi *A Batalha do Passinho* e contou com a presença do diretor, Emílio Domingos, para conversar com os Alunos. Dessa vez, a projeção foi no pátio, com direito a pipoca de micro-ondas e refrigerantes. Na plateia, cerca de 50 Alunos, grande parte da EJA.

“O que é superlegal do cineclube é que é um espaço comum para os Alunos do diurno e do noturno. É uma conversa sobre temas atuais e integra muito os

colegas do 9º ano do Fundamental com o Ensino Médio e com a EJA”, conta Rosa Ciavatta.

“Num primeiro momento, o pessoal do noturno tende a ficar mais quieto, só observando, mas depois eles se soltam. Existe um projeto de monitoria dos Alunos do Ensino Médio que já cria um espaço de integração com a EJA. O cineclube só vem reforçar isso”, diz Joana Lopes, do 1º B. “A gente desconstrói muito da nossa visão de mundo em contato com os colegas da EJA. Nós podemos até saber mais sobre algumas coisas, mas eles têm mais experiência de vida. Então, não é ensinar, mas trocar e aprender juntos”, diz Bárbara Peres, do 2º B.

Os integrantes do cineclube fizeram questão de ressaltar a posição de apoio incondicional do Colégio ao projeto. “Quando fomos consultar o Hécio (Coordenador do 6º ao 8º anos e também da EJA), ele foi muito aberto e incentivador, achou o projeto muito bonito e necessário, porque a escola, e o São Vicente nos lembra todo o tempo disso, é muito mais do que passar conteúdo das disciplinas, é o espaço para a gente trocar e aprender de forma lúdica, também a partir de outras experiências”, disse Alice Fatorelli, Aluna do 1º ano B, e monitora da EJA.



GRÊMIOS 2015

MINIGRÊMIO

Chapa Loucura 100%

Nina Costa Mondim
Camilla Tavares
Olivia Magalhães
Leonardo Medina
Flora Fonseca

GREGI

Chapa São Vicente

Administração - Nina Fortes - 802
Cultura - Tiago Menezes - 802
Social - Larissa Roedel - 603
Esporte - João Bastos - 802
Comunicação - Luís A. Guimarães - 804
Política - Flora Costa - 702

GRECO

Chapa Sambacaru

Administração - Coord.: Ivo Mineiro - 2ºC
Acessor: Gabriel Estill - 1ºB
Cultura - Coord.: Rosa Ciavatta - 2ºB
Acessor: Marina Jansen - 903
Comunicação - Coord.: Giovana Kebian - 1ºA
Acessor: Luiza Lubiana - 1ºB
Política - Coord.: Gabriel Santos - 1ºC
Acessor: Maria Scarpa - 2ºA
Social - Coord.: Helena Young - 2ºA
Acessor: Alice Fatorelli - 1ºB
Esportes - Coord.: Arthur Quintão - 903
Acessor: Helena Maia - 1ºA

Lutando pelo bem comum

Nossa transformadora social desta edição é Letícia Rangel Tura, que se dedica à questão socioambiental, ajudando a montar redes e fóruns, à frente da FASE

O mundo passa por mudanças, é certo. E a encíclica, lançada em junho deste ano pelo Papa Francisco, exorta a todos os cristãos a cuidar “da nossa casa comum”, a Terra, “que nos sustenta e governa”. Nesta edição da revista, a seção dos transformadores sociais formados pelo Colégio é dedicada a uma corajosa ex-Aluna, que há anos vem se dedicando à luta socioambiental no Brasil, a Diretora-Executiva da ONG Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE), Letícia Rangel Tura.

Graduada e Mestre em Sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Letícia estudou no São Vicente de 1984 até se formar em 1988. Período de grande efervescência política e cultural no Brasil, quando o Regime Militar começou a se abrir para a redemocratização, os anos de formação colegial de Letícia foram intensos.

“Fiz teatro com o Almir Telles, participei do grêmio e em 1987 fizemos a primeira pintura de muro, que na época era uma coisa completamente autônoma dos estudantes. Todo ano tínhamos os saraus dentro do Colégio, muitas aulas extras, cursos de filosofia, de sociologia, de sexologia, de psicologia. Eu diria que aprendi não só dentro da sala de aula, mas fundamentalmente fora da sala de aula. Tínhamos bastante liberdade e autonomia sem deixar de ter responsabilidade. Foi muito importante para quem viveu essa época, tenho muitos amigos do São Vicente e vejo que todos têm esse mesmo sentimento”, conta.

Com sua formação crítica e incentivando a participação e o olhar para o outro e para o coletivo, o Colégio São Vicente potencializou a tradição familiar de Letícia, que já trazia as mesmas sementes. Das aulas de sociologia surgiu a paixão que a guiaria vida afora e, logo depois de graduada, Letícia foi fazer pesquisa de campo e começar a trabalhar no Pará, com a mobilização de trabalhadores rurais na busca por direitos e acesso ao crédito. Na mesma época, começou a trabalhar na FASE, como consultora, depois como técnica e coordenadora.

Depois de 13 anos morando no Pará e com dois filhos nascidos lá, Letícia voltou, em 2007 para o Rio de Janeiro, e hoje, Maíra Tura Pereira (3º ano do EM) e João Tura Pereira (3º ano do EF) são também estudantes do Colégio São Vicente. Com o retorno à sua cidade natal, Letícia passou a focar temas nacionais e internacionais dentro da FASE, sempre com o foco socioambiental em vista. Vem desde então fomentando o debate da biodiversidade, clima e da mercantilização da natureza, incentivando a agroecologia e trabalhando a articulação de sujeitos coletivos, ajudando a montar redes e fóruns, como a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), o Grupo Carta de Belém (GCB) e a Rede Brasileira de Justiça Ambiental, para incidência em políticas nacionais e acordos internacionais, como as

Conferências da ONU sobre o Clima (COPs).

“Nosso padrão de consumo atual não traz igualdade e está nos levando para um abismo. Esse modelo de desenvolvimento precisa ser questionado e precisamos criar outro que leve em consideração os pontos de vista social, ambiental e da garantia de direitos. No Brasil, apensar das muitas melhorias, dos avanços que tivemos, continuamos sendo um dos países mais desiguais do mundo”, relata.

Há alguns anos Diretora-Executiva da FASE, Letícia vem encabeçando suas lutas sempre dentro do tema-chave da ONG: a educação popular. São projetos nas áreas da agroecologia, da segurança alimentar, do direito à cidade, da justiça ambiental, dos direitos das mulheres, focados no desenvolvimento local e com incidência nas políticas públicas, tanto nacionais como internacionais. Para os Alunos do São Vicente, ela deixa seu recado:

“Vivam intensamente o São Vicente, aproveitem tudo o que o Colégio pode dar. Participem do coral, do teatro e de tantos projetos que o São Vicente tem – a monitoria da EJA, o PROVOC, o SISV. Porque esse é um momento único antes de entrar em uma vida profissional e que pode trazer uma abertura de pensamento, um olhar diferente em relação ao mundo. Tendo em vista que vivemos em uma sociedade tão individualista, tão consumista, é uma oportunidade de se aprender outros valores, que não deve ser desperdiçada”, conclui.



Em sentido horário, Letícia Tura em atuação no debate do MT1, em 2012; em campanha contra a liberação dos transgênicos; na oficina de formação sobre justiça climática; em 1985, com a turma da 8ª série do São Vicente (1ª. À esq., no chão); em palestra no escritório da FASE; participando do seminário preparatório para a COP-20; e durante encontro de agroecologia, em Juazeiro, na Bahia.

ONTEM E HOJE

O ano de 1975 foi marcado por particular efervescência artística e cultural no Colégio São Vicente. Foi então, há exatos 40 anos, que um show organizado pelo grêmio, com ninguém menos do que Milton Nascimento e Som Imaginário, Wagner Tiso, Toninho Horta e Nivaldo Ornellas, engarrafou a Rua das Laranjeiras. O então diretor Padre Almeida e o coordenador Jorge Luiz contribuíam enormemente para o sucesso de empreitadas como essa, assim como as manifestações apresentadas na Semana do Folclore, no Sarau e na Semana de Arte, vistos aqui nas fotos em preto e branco. A iniciativa vingou, virou tradição e se repete a cada ano. Confira nas fotos coloridas de hoje: a apresentação de capoeira, durante a Feira de Linguagem, realizada no final de maio, e também a dança do passinho e a pintura coletiva, que tiveram lugar durante a Semana Cultural, em abril, cujo tema foi a arte urbana.





Ex-alunos falam das profissões que abraçaram

Organizados em mesas-redondas por área, 46 formados pelo São Vicente contaram sua experiência profissional aos atuais Estudantes do Ensino Médio do Colégio

No sábado, 13 de junho, ex-Alunos do Colégio atenderam ao chamado do Serviço de Orientação Educacional (SOE) para falarem da profissão que escolheram aos atuais colegas do Ensino Médio. Ao todo, 46 Alunos formados pelo São Vicente em diferentes épocas, distribuíram-se por nove salas em mesas-redondas organizadas por áreas. Foram elas: humanas aplicadas (administração, economia e relações internacionais); humanas (ciências sociais, pedagogia, psicologia e letras); artísticas (design e arquitetura); artísticas 2 (música, dança, teatro, cinema, moda e produção cultural); comunicação; biomédicas; direito; tecnológicas e engenharias. Os Alunos gostaram. E os ex também.

“Foi um prazer poder falar para os Estudantes do CSVP. Eu nessa época recebia muita pressão e espero ter conseguido tranquilizar os meninos com relação ao futuro”, disse o empresário Caetano Pedrosa, formado em Engenharia de Produção. O ex-Aluno e hoje economista Rodrigo da Silva Carvalho também participou das mesas-redondas e deixou seu depoimento registrado no Facebook: “Depois da clássica ida à feira da General em família, a manhã foi dedicada à troca com Estudantes do E.M do meu querido Colégio sobre escolhas de carreiras, cursos, universidades etc. Muito bacana. Melhor ainda foi descer para o velho pátio e ver que as coisas continuam, para o bem, na mesma magnética atmosfera. Mesmo após ter passado 20 anos de formado! Viva!”.

O mesmo aconteceu com a ex-Aluna Joana Melamed Izar, que falou sobre a profissão que abraçou há 15 anos, a Educação Física. “Tive a oportunidade de retornar ao Colégio São Vicente de Paulo, onde passei os quatro melhores anos da minha vida, para conversar com os Alunos do Ensino Médio na Feira de Profissões. Foi magnífico entrar por aquele portão mágico e perceber que o sentimento não diminuiu nem um pouco”, disse ela, “se sentindo muito emocionada”, como confessou.

A convite de *A Chama*, alguns participantes do encontro registraram para a revista o depoimento que deram sobre suas profissões. Confira!



FOTOS: CRISTINA BARCELLOS



À esquerda, Yasmin Scheufler fala de sua experiência como cientista social. Acima, a mesa-redonda sobre Direito.

Yasmin Scheufler, cientista social, 24 anos

“Sempre me identifiquei com a área de humanas e tinha muito interesse nas aulas de sociologia da escola, mas, apesar das incansáveis pesquisas sobre os currículos universitários, prestei vestibular para três cursos diferentes, ainda sem muita certeza do que queria estudar. Me formei no São Vicente em 2008 e no ano seguinte comecei a cursar Ciências Sociais na UFRJ. Minha próxima incerteza foi profissional, já que o curso tem um caráter muito teórico e acadêmico. Hoje, trabalho em uma empresa de consultoria socioambiental, e a partir de agosto começo meu mestrado em Políticas Públicas, na Holanda e na Inglaterra, por um programa do Erasmus chamado Mundus MAPP. A oferta de empregos para cientistas sociais tem se tornado mais diversificada, apesar da remuneração ainda baixa, de maneira geral. Há oportunidades de trabalho em ONGs, instituições públicas, institutos de pesquisa, empresas privadas, pode-se trabalhar como docente ou como pesquisador em escolas e universidades. Acredito que as próximas gerações de alunos formados no curso vão encontrar um mercado com mais possibilidades de atuação, além de um campo já muito vasto para pesquisa. Com todas as minhas dúvidas, fui muito feliz cursando Ciências Sociais e foi muito bom ver interesse pela área em vários Alunos do Colégio durante o encontro.”

Marcelo Pereira, designer, 49 anos

“Me formei no São Vicente em 1983, e, diferentemente da maioria das pessoas, não tive nenhuma dúvida em relação ao que estudar depois. Desde pequeno gostava de desenhar, meu pai, que era engenheiro, colocou uma carteirinha ao lado da mesa de trabalho dele e eu ficava horas ali desenhando todo tipo de coisa. Um dia vi uma exposição no MAM sobre a Bauhaus e me apaixonei por design. Cursei a Escola Superior de Desenho Industrial e hoje tenho uma empresa de design com outros sócios, a Tecnopop. É uma profissão muito interessante porque ela une arte e tecnologia. Você pode ter contato com áreas muito diferentes e pode ter grande realização pessoal. É uma atividade que está em expansão, porque o setor de serviços está crescendo e demandando design para se diferenciar através da inovação. De ponto negativo, eu apontaria a competição, que é muito acirrada. O Brasil ainda é um país de periferia e o design de produto em sua maioria ainda vem de fora. O maior mercado nosso é o design gráfico. E tem gente boa entrando todo ano no mercado. Então, o importante é tentar se diferenciar dos concorrentes”.



Na mesa-redonda sobre atividades artísticas (design, arte e arquitetura), Marcelo Pereira (de camisa xadrez) e outros ex-alunos do ramo contaram de sua experiência profissional.



Eric Camargo (à esq.) e Eduardo Morelli (na outra ponta) participaram da mesa sobre tecnologias e engenharias.

Eric Camargo, estudante de Engenharia, 22 anos

“Escolhi Engenharia na segunda tentativa. Ao sair do São Vicente, em 2011, escolhi outro curso, no qual fiquei por 6 meses, até mudar para minha “segunda opção”: a Engenharia. Atualmente curso Mecânica na UFRJ, no quinto período. Desde que entrei no curso, percebi que gostaria de colocar na prática os inúmeros conceitos teóricos que aprendia na sala de aula. Por isso, acabei entrando para uma das Equipes de Competição da UFRJ. Tais Equipes são uma opção muito interessante dos cursos de engenharia, são um modelo intermediário entre a aula teórica e um estágio oficial, fora da faculdade. Engenharia é um curso de resolver problemas e, seja qual for a especialização, não é um curso fácil. Requer comprometimento e dedicação, mas sendo de fato o curso que se quer cursar, é extremamente gratificante!”

Eduardo Morelli, adm. de bancos de dados, 48 anos

“Há 30 anos estava cursando meu décimo ano no São Vicente. Queria ser astrônomo, mas bons conselhos me levaram a mirar a mais promissora das profissões, a Informática. Como não existiam cursos de qualidade na área, minha estratégia consistiu em fazer vestibular para Matemática na PUC e depois fazer mestrado em Processamento de Dados. No fim das contas, migrei da Matemática para a novíssima Engenharia da Computação e desta para o curso Tecnólogo em Processamento de Dados da PUC, especialmente idealizado para fornecer mão de obra de qualidade ao mercado. Minha formatura foi em 1990 e só em 2006 concluí meu Mestrado em Informática com Especialidade em Bancos de Dados, área na qual trabalho desde 1992. Hoje sou consultor, tenho 4 livros publicados (muito devo às aulas de redação do Professor Farias) e coordeno cursos de pós-graduação. Se há uma palavra para resumir minha profissão, ela seria MUDANÇA. Pontos positivos? Jamais morrerei de tédio. Pontos negativos? Talvez essa pressão para estar sempre à frente; se todos sabem o que você sabe, seus ganhos vão cair. O mercado hoje é carente de especialistas; de profissionais que façam a diferença; que dominem ferramentas criadas para problemas novos. Portanto, se você gosta de aprender sempre e domina o inglês, a TI pode ser muito interessante”.

Na sala 21, os relatos dos ex-alunos foram sobre as carreiras de humanas aplicadas: administração, economia e relações internacionais.



A veterinária Tayná, na mesa-redonda de Biomédicas

Tayná Bastos, veterinária, 28 anos

“Escolhi ser médica veterinária aos 8 anos, por ter amor pelos animais. Saí do CSVP em 2005 e me formei em medicina veterinária em 2011, pela UFRJ. Sou profissional autônoma, dermatóloga, faço atendimento domiciliar e em consultório de pet shop. A medicina veterinária, assim como a medicina humana, é uma ciência voltada à saúde, porém não só dos animais, mas sim do homem. Além da área de clínica médica, há inspeção sanitária em mercados (área de alimentos de origem animal), cargos públicos como vigilância sanitária e defesa sanitária animal (prevenção e controle de doenças infecciosas, zoonoses e casos epidemiológicos, por exemplo), área acadêmica e pesquisa, laboratórios, perícia criminal entre outras. Não há obrigatoriedade de cursar residência para trabalhar. Outra particularidade: trabalhamos com cliente e paciente. Não basta apenas saber tratar o animal ou seu produto. O meu cliente também é uma peça chave no sucesso do meu trabalho! Há também o lado negativo, trabalhamos com vida, mas também com a morte. O mercado veterinário é vasto, porém exige que nos especializemos e continuemos atualizando sempre. A ciência está sempre em constante mudança, assim como a vida. A quem se dispõe a estudar, gosta de animais, de pessoas e se identifica com a área da saúde, recomendo que experimente esse universo da medicina veterinária.”

O COLÉGIO S. VICENTE AGRADECE A SEUS EX-ALUNOS QUE PARTICIPARAM DAS MESAS: DIREITO | LUIZA CHAGAS | FELIPE GUIMARÃES | RAFAELA RAMACCIOTTI | EDWARD WYGAND | PEDRO ANTONIO BOMFIM | BIOMÉDICAS | TAYNÁ BASTOS | ALINE IZZO | JOANA IZAR | JULIA NABUCO | JULIA ALCÂNTARA | COMUNICAÇÃO | ROBERTA MENEZES | CAROLINA PINHO | LUIZA SAMPAIO RODRIGUES | JOANNA SALDANHA | TECNOLÓGICA 1 | ERIC CAMARGO | MARCO ANTONIO RODRIGUES | EDUARDO MORELLI | CAETANO PEDROSA | TECNOLÓGICA 2 | CAROLINA GIGLIOTTI | CAIO PASTUSIAK | PEDRO LUND | FRANCISCO MUANIS | GABRIEL GONÇALVES | HELDER MATTOS | ARTES | LAURA CANABRAVA | ALICE PASSOS | GABRIEL MEDEIROS | ANTONIO TEICHER | CAROLINA OTTONI | MANUELA KEMPER | CAMILA MACIEL | ARQUITETURA E DESIGN | MARCELO PEREIRA | GUSTAVO DUARTE | NATÁLIA CIDADE | ANA BOLSHOW | ANTONIO MACHADO | HUMANAS APLICADAS | ANNA PAULA PELLEGRINO | RODRIGO CARVALHO | CAMILA MORAES | VICTOR SOUTTO MAYOR | VICTOR SEABRA | MARIANA PINTO | HUMANAS 2 | YASMIN SCHEUFLER | THAÍS LIMA | INÁCIO PRAZERES | NARCISA DE PAULA | LUCIANA BARROS.



Camila participou da mesa sobre carreiras artísticas

Camila Maciel, profissional de moda, 28 anos

“Decidi ainda pequena que quando fosse fazer faculdade queria estudar moda. E assim foi, logo que terminei a escola, em 2005. Passei pro Senai-Cetiqt pelas vagas reservadas pro Enem. A faculdade de moda do Senai tem três anos e meio, porém cursei em quatro, me formando em meados de 2010. O curso foi bastante teórico, tendo avaliações sobre história da arte, indumentária, etc., e direcionado para o Design e a produção em escala industrial. Tive também matérias que pediam avaliações práticas, como desenho e modelagem plana. O título do formado é Bacharel em Design de Moda. O mercado de trabalho é muito fechado e competitivo. Trabalhei no setor de estilo em empresas de pequeno, médio e grande porte, sendo delas a Osklen a mais conhecida. Há 2 anos optei por abrir a minha própria empresa, que se dedica a uma produção praticamente artesanal, gerando um trabalho exclusivo e que é pessoalmente cuidado do início ao fim. O nome da marca é ‘umauma’. O meu conselho pra quem tem interesse por seguir o caminho da moda é primeiramente esquecer a imagem de glamour que costumam passar sobre a profissão, pois somos exigidos pelo mercado em níveis de especialização altíssimo (com cursos e experiências) já desde a faculdade. Por esse motivo é muito importante procurar o mais rápido possível por estágios na área, que normalmente são mal remunerados, e cursos de extensão. Se você acredita que é o que você ama, eu aconselho sim, percorrer esse caminho de pedras!”

Como lidar com situações de risco

Em palestra aos Pais e Responsáveis, psicanalista disse que não há roteiros de conduta, mas pistas a seguir. Dentre elas, o diálogo franco e a imaginação



O psiquiatra e psicanalista Benilton Bezerra

Exposição a drogas lícitas e ilícitas, banalização da sexualidade, participação em festas em que “tudo é liberado”... Lidar com situações de risco sempre foi uma preocupação para quem tem adolescentes sob sua responsabilidade. O tema voltou à ordem do dia, especialmente diante da posição discordante da Escola em relação às festas que os Alunos promovem para comemorar o encerramento de seus cursos de 9º ano do Ensino Fundamental e de 3º ano do Médio. À Comissão de Festa do 3º ano foi comunicado que não seria permitido usar as dependências do Colégio para o encontro dos Alunos com a empresa promotora desses eventos.

Pais e Responsáveis foram convidados a retomar o debate, numa palestra promovida pelo Colégio, no dia 29 de abril. Para orientar a abordagem do tema foi convidado o psiquiatra e psicanalista Benilton Bezerra, Professor do Departamento de Medicina Social da UERJ. Na véspera, o mesmo assunto foi tratado com os Alunos, do ponto de vista jurídico, em palestra realizada pelo Delegado Brenno Carnevale, da Divisão de Homicídios da Baixada Fluminense.

A Chama esteve presente ao debate com o psicanalista, que deixou uma mensagem clara aos Responsáveis: “Trata-se de assunto muito complexo, que não tem encaminhamento nem soluções fáceis. Não há fórmulas definitivas. Não há roteiros, mas há pistas. Uma delas é que o diálogo franco é melhor do que o silêncio. Outra pista é aceitar que é da natureza dos adolescentes experimentar seus limites. Esse é o ciclo vital. Por isso é importante dar limites para o adolescente transpor. Se não há limites, ele fica sem medida para contrapor e pode ir longe demais”, disse Benilton Bezerra, frisando ser importante entender a questão a partir de suas diversas facetas, abrindo o leque para se lidar com ela individual e coletivamente.

Contextualização e subjetividade

Assim, ele abordou o problema tanto a partir de sua contextualização, isto é, situando a problemática das drogas na sociedade e no tempo em que vivemos e, também, a partir da compreensão do processo de formação da subjetividade de um indivíduo, para explicar por que esse tema surge com tanta força na adolescência.

Segundo Benilton, problemas da subjetividade são difíceis de lidar porque não estão nem dentro, nem fora de nós. Nossos sentimentos e emoções, o que nos constitui como sujeitos, emergem em nós como resultado da interação com o mundo em que vivemos. Somos, ao mesmo tempo, seres biológicos, psicológicos e sociais, histórica e culturalmente constituídos. “Dessa forma, ser um adolescente na Atenas de Péricles, na Paris do século 18 ou no Rio de Janeiro do século 21 é completamente diferente. Entender o problema da adolescência significa entender de que contexto nós estamos falando. Isso é importante para evitarmos cair em interpretações meramente neurológicas de determinados comportamentos”, pontuou.

Apesar de não haver registro de sociedade sem substâncias entorpecentes, elas aparecem com significados e funções diferentes em cada época e lugar, explicou o médico. O cálice de vinho do Porto,



O delegado Brenno Carnevale, da Divisão de Homicídios da Baixada Fluminense, lotou o auditório na palestra para Alunos.

tomado pelas famílias portuguesas após o jantar; a coca mastigada pelos índios na Bolívia; a maconha usada pelos hippies em Woodstock e o abuso de álcool e drogas sintéticas usadas nas festas no Rio de Janeiro atual, têm dimensões muito distintas.

“A droga, da maneira como se apresenta para nós, é um problema do nosso momento civilizatório, do tipo de sociedade em que vivemos”, afirmou. Uma sociedade marcada pelo espetáculo, pelo individualismo e pela competição, pelo imediatismo, pela supervalorização da imagem e das sensações, pelas tecnologias digitais, pela “tecnização” e medicalização da vida. No caso do Brasil e do Rio de Janeiro, em particular, uma sociedade também marcada pela desigualdade, pelo afrouxamento da ética e dos laços de confiança, pela crise das instituições que nos formaram, pela crise de pertencimento, enfim.

Viver numa sociedade assim, disse Benilton, é particularmente complicado para os adolescentes, que passam por uma fase da vida de amadurecimento biológico e de afirmação da identidade em que precisam de referências claras. “Vivemos hoje no que um sociólogo francês, Alain Ehrenberg, chamou de sociedade da autonomia generalizada. Tudo é matéria de decisão e escolha pessoal. Nunca os pais tiveram tanta dificuldade de exercerem autoridade como hoje. Temos enorme dificuldade de dizer não. E, o contraponto da falta de autoridade é a incerteza”.

Neste mundo em que não há mais âncoras nem balizas claras, as drogas são particularmente sedutoras. “Drogas que alargam o prazer, que entorpecem, que diminuem a fome ou a ansiedade, que aumentam a atenção, que deixam a pessoa mais acordada e alerta, tudo isso faz parte do mesmo fenômeno que nos leva a buscar em objetos externos fontes de satisfação, de ancoragem identitária, de orientação no mundo fragmentado. É a partir disso que precisamos começar a pensar em como lidar com o problema”, afirmou Benilton.

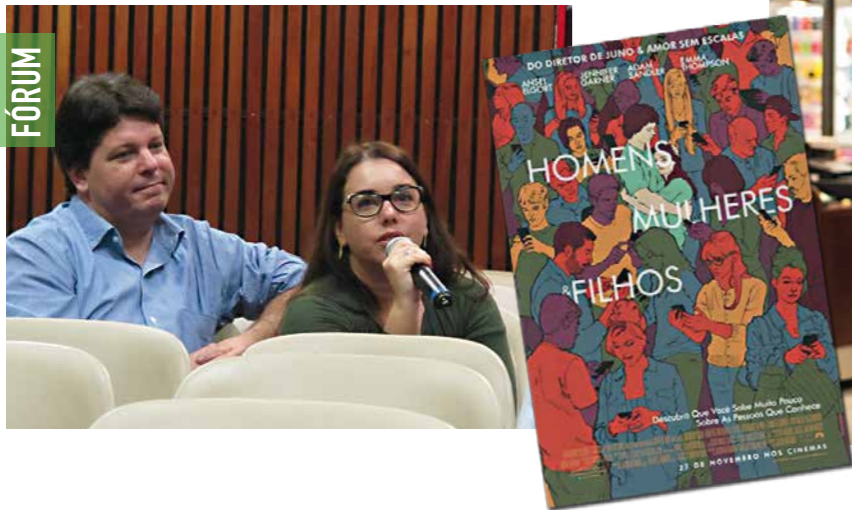
No debate que se seguiu, muitos Pais expuseram suas dificuldades de tratar do assunto com seus Filhos: como dizer não, sem ser autoritário; como proibir o uso de álcool e drogas, num mundo em que eles são tão disponíveis; e até que ponto se deve ser flexível nesses temas, foram algumas das questões.

“A droga, da maneira como se apresenta para nós, é um problema do nosso momento civilizatório, do tipo de sociedade em que vivemos”.

Benilton Bezerra

“Não é simplesmente proibindo, mas conversando, contextualizando”, disse Benilton Bezerra.

“A maneira de guiar a coisa é oferecer outros modos de experimentação: sejam esportes, artes, espiritualidade. O quê, cada um vai saber na hora em que a questão surgir, no contexto em que surgir. A experimentação pode vir da imaginação. Imaginar outras formas de viver, de se relacionar, de se divertir. O que vocês estão fazendo aqui, conversando com um psicanalista, com um delegado, trocando experiências com outros Pais, é um bom uso da imaginação”, finalizou.



Acima, cena do filme *Homens, Mulheres, Filhos*, que contou com debate depois de sua exibição para Pais, Professores e Funcionários do Colégio.

Os limites entre cuidado e invasão de privacidade

Em meio a uma avalanche tecnológica que nos permite, em frações de segundo, nos comunicar com praticamente qualquer ser humano e em quase todo lugar do planeta, parecemos estar perdendo o contato íntimo e verdadeiro com as pessoas que nos cercam. Essa é uma das questões-base do filme *Homens, mulheres e filhos*, que serviu de inspiração para o debate realizado no Colégio, na noite de 25 de junho, dando sequência à reflexão sobre ‘como lidar com as situações de risco’.

Uma edição condensada do filme foi exibida antes do debate, para situar aqueles que não puderam assistir à versão integral previamente. Depois disso, os Pais, Mestres e Funcionários do Colégio que se encontravam no auditório dividiram-se em dois grupos para expor suas visões sobre as questões levantadas pelo filme. Uma preocupação clara levantada por vários Pais foi a da necessidade de se manter um diálogo permanente com os Filhos, lembrando sempre de dar oportunidade para que eles fiquem à vontade para trazer quaisquer questões que os estejam preocupando ou consumindo suas energias.

“Com a vida corrida é difícil ter tanto cuidado, por isso precisamos utilizar o espaço familiar para esse contato, deixando a tecnologia em segundo plano pelo menos nesse momento”, sugeriu Rodrigo, Pai de Antônio, do 3º ano do Fundamental. “A preocupação com a tecnologia é algo presente, e, entre vigiar e cuidar, temos que tomar cuidado para não sermos agressivos. Temos que ficar atentos para não passar dos limites e acabar tirando a subjetividade dos nossos Filhos”, complementou Bianca, Mãe de Antônio.

Para muitos Pais, descobrir esse limite entre cuidar e ser invasivo é o grande desafio do nosso tempo. Ismail, Pai dos alunos Bruno e Caio, lembrou que para se encontrar esse ponto de equilíbrio é preciso antes se conhecer e conhecer os próprios Filhos, para poder entrar em contato com eles. Flávia, Mãe de outro Aluno, complementou: “Me parece que hoje os jovens são expostos a mais situações de violência e agressividade do que a nossa geração foi. Mas eles mesmos vão conseguindo abarcar suas subjetividades e criar uma rede de suporte, de apoio entre si. E acho que isso surge de forma mais fácil quando eles são criados em uma relação familiar em que isso seja valorizado”.

Para Hélcio, Coordenador pedagógico do Colégio e Pai da Aluna Maria Clara, do 3º ano Fundamental, há uma questão geracional experimentada por todos, desde tempos remotos. Segundo ele, as gerações que nos sucedem sempre nos causam estranheza. Isso vem desde Aristóteles, que dizia ter horror à juventude de seu tempo, que não tinha valores, e passa por Carlos Drummond de Andrade, que em diversos poemas explicita seu espanto com a juventude que o sucedia. “A única diferença parece ser a quantidade de meios que os jovens têm hoje à disposição para ferir a si mesmos”, afirmou.

Maria Clara, do Serviço de Orientação Educacional (SOE), fez um relato sobre episódios reais presenciados no Colégio, idênticos aos vistos no filme. Em seus 14 anos trabalhando no São Vicente, ela se deparou com diversos casos de Alunos anoréxicos, de Alunos que começaram a ficar viciados em vida virtual, em jogos online, e por isso pararam de estudar, além de casos de Alunas que engravidaram por falta de cuidado. “Temos que estar sempre observando se nossos Filhos estão emagrecendo demais, se estão ficando tempo demais no computador, e saber que, se estão, isso não é tão normal assim”, alertou.



Na manhã musical, Leonardo Lois e sua parceira da Turma do Tikuntá

Música pra criança

Professor de música do São Vicente – ele dá aulas para os pequenos do 1º e 2º anos do Fundamental, Leonardo Lois está lançando o DVD do seu trabalho com a Turma do Tikuntá, de músicas para crianças. Ao lado de sua colega, a cantora, escritora e compositora Janaína Rita, Leonardo, que além de professor, é também violonista, cantor, ator, contador de histórias, diretor musical e compositor (ufa!), vai lançar o DVD em setembro, com um show no Teatro Leblon. O Tikuntá toca músicas de ritmos variados, como rock, blues e rap e faz um sucesso danado com a garotada, que conhece e adora seu trabalho. No dia 18 de abril, eles comandaram o espetáculo *Monstros bem criados* no Colégio, durante a manhã musical. Para completar a atividade, as crianças criaram seu próprio monstro, com nome e tudo, e depois fizeram pinturas de silhuetas dos pontos turísticos do Rio. Quem quiser conhecer o trabalho do Tikuntá, pode ouvir as músicas da turma e conferir a animação, que também compõe o DVD, no YouTube.

Estímulo ao debate

Em sua 53ª Assembleia Geral, realizada em Aparecida (SP), entre os dias 15 a 24 de abril último, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), reafirmou a posição, assumida desde maio de 2013, contrária à Proposta de Emenda à Constituição que propõe redução da maioria penal para 16 anos, no país, a PEC 171/1993. Nesta mesma Assembleia Geral, a CNBB renovou seu apoio ao Projeto de Lei de Iniciativa Popular, liderado pela Coalizão por Reforma Política e Eleições Limpas. Em comunhão com a CNBB, o Colégio São Vicente de Paulo favorece e estimula, no seio da Comunidade Educativa, o debate sobre a redução da maioria penal, incentiva a participação e respeita as formas de expressão dos Alunos sobre o tema. Da mesma forma, disponibiliza, na Secretaria, no térreo e no balcão do 4º andar, o formulário de coleta de assinaturas de adesão ao projeto de Reforma Política Democrática. Aos interessados em assinar o formulário, o Colégio lembra que são necessários dados do Título Eleitoral.



O Colégio São Vicente marca posição contra a redução da maioria penal



FOTOS: ARQUIVO CISP



Feira de Linguagem

Um riquíssimo painel de cultura, arte, ciência e o que elas podem fazer para tornar nossa vida melhor foi o que se viu no sábado, 30 de maio, durante a Feira de Linguagem 2015. Já na entrada, uma exposição montada pela EJA, intitulada *Escola e Trabalho*, dava a medida do quanto essas duas instituições podem ser transformadoras em nossas vidas. Em murais afixados nas paredes, em três espaços divididos entre ontem, hoje e amanhã, os Alunos deixavam depoimentos de sua história e de suas aspirações, contando sobre a formação de seus Pais, sua atividade hoje e o que almejam ser no futuro. “Eu acredito que tudo o que fazemos com amor é muito mais gratificante; o trabalho se torna leve e agradável”, dizia uma das mensagens. Na Sala de Exposições do térreo, a Associação de Pais e Mestres fez a premiação e expôs as fotos vencedoras do II Concurso Fotográfico Padre Lauro Palú. Na Sala de Artes, o 4º ano do EF realizou a oficina *Conhecendo a pré-história e sua evolução*. No subsolo, com o título de *Pode ser a gota d’água*, uma grande exposição mostrava como a água é importante tanto para o consumo como para a arte. Por sua vez, o Rio de Janeiro, seus encantos, suas paisagens, sua música e também seus problemas sociais foi tema de várias exposições dos Alunos do Fundamental, como também de uma instalação/oficina. Já a biblioteca do 3º andar, sediou o *Círculo Literário do Rio de Janeiro*, na qual quem participasse das atividades concorria ao sorteio de livros. No 5º andar, as turmas do 9º ano apresentaram três exposições: *Planta-se um grão, colhem-se várias espigas*; *Mergulhando nas obras sociais*; e *Autobiografia/Bairro Sustentável*. O pátio também acolheu diversas atividades, como a mostra *Mulheres e negros nas ciências*, apresentações de capoeira, feira de livros e o lançamento do livro *O menino com um buraco na barriga*, de Marina Ivo de Araújo, com ilustrações de Fernanda Barreto.



MARIA CLARA RODRIGES

Programa de Vocação Científica

No dia 28 de maio, os Alunos que participaram do Programa de Vocação Científica - PROVOC 2014/2015 expuseram seus trabalhos na sessão de painéis da Jornada de Vocação Científica. Esses trabalhos são o resultado de um ano de pesquisa que os Alunos do São Vicente desenvolveram junto aos Pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz, a Fiocruz. O PROVOC é uma iniciativa da Escola Politécnica de Saúde com apoio técnico-científico da FIOCRUZ, que visa promover a iniciação científica de Alunos do Ensino Médio, proporcionando-lhes a vivência de um ambiente de pesquisa. Vinte e seis Alunos candidatos a participar do programa deste ano foram até a Fiocruz acompanhados da orientadora Maria Clara para conhecer melhor o que é feito no PROVOC. Foram os seguintes os trabalhos apresentados pelos Alunos do Colégio: O Impacto da Certificação Compulsória na qualidade de Seringas hipodérmicas utilizadas no Instituto Fernandes Figueiras (Sofia Ferreira Rabelo); Hotel SPA da Loucura: a relação entre Arte e Saúde Mental (Giulia Neiva Armentano); Levantamento das Atividades da CEUA/ Fiocruz (Léo Levy Carneiro); Treinamento nas técnicas de análise físico-química de amostras de águas superficiais (Bárbara Perez). Estão de parabéns!

Festas julinas

Este ano, o Colégio inovou ao fazer as festas julinas em dois dias: 3 e 4 julho. Atendendo a um pedido dos Pais e Responsáveis, que dificilmente podem assistir às danças das crianças durante a semana, a festa do Fundamental 1 aconteceu no sábado de manhã. Barracas de brincadeiras diversas, como touro mecânico, pescaria, boliche virtual, entre outras, e de uma grande variedade de comidas, como caldo de feijão, maçã do amor, algodão doce e cuscuz animaram ainda mais a festa no pátio. O movimento foi grande, as danças muito animadas e as Famílias se sentiram acolhidas, brincando ao lado dos Filhos e conversando com outros Responsáveis. A sexta-feira, dia 3, ficou reservada para o Fundamental 2 e o segmento do 9º ao Ensino Médio. O pessoal do segundo segmento do Fundamental, cuja festa aconteceu das 13h às 16h, arrasou em animação, roupas a caráter e participação na gincana e quadrilha. Das 16h às 21h30, o Ensino Médio mais o 9º Ano fizeram a sua festa julina. O grupo, sempre muito animado, se divertiu e a todos também com suas paródias e lançamento de filmes. A criatividade estava em alta e a disputa entre as turmas, muita acirrada. No sábado à noite, foi a vez dos Alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) fazerem sua festa caipira. Mesmo com chuva, o “arraiá” esteve animadíssimo!



Fotos vencedoras do 2º Concurso de Fotografias Pe. Lauro Palú

O resultado do concurso e a entrega dos prêmios aconteceram no dia 30 de maio, na Sala de Exposições, durante a Feira de Linguagem. Foram entregues 10 prêmios, aos 1º, 2º e 3º lugares do Ensino Fundamental 1, do Fundamental 2, do Ensino Médio e EJA, além do Prêmio do Júri Popular.

PREMIAÇÃO

1º LUGAR

Vale-presente de R\$ 650,00 cada um

2º LUGAR

Vale-Presente de R\$ 450,00 cada um

3º LUGAR

Vale-Presente de R\$ 350,00 cada um

JÚRI POPULAR

Uma câmera digital Nikon Coolpix L820



EFI 1º LUGAR | GABRIELA ANDRADE | T 403



EFII 1º LUGAR | JULIA WILLIGSECKER LAUTERT | T 601



EM/ EJA 1º LUGAR | GABRIELLA ARAUJO TUKIA | 2ºC



EFI 2º LUGAR | GIULIA CASTRO TORRESAN | T 202



EFI 3º LUGAR | JOÃO BATISTA DE PAIVA LEITE | T 502



EFII 2º LUGAR | MARIA ALICE CASTRO MENEZES RIBEIRO | T602



EFII 3º LUGAR | NINA MACHADO FORTES | T 802

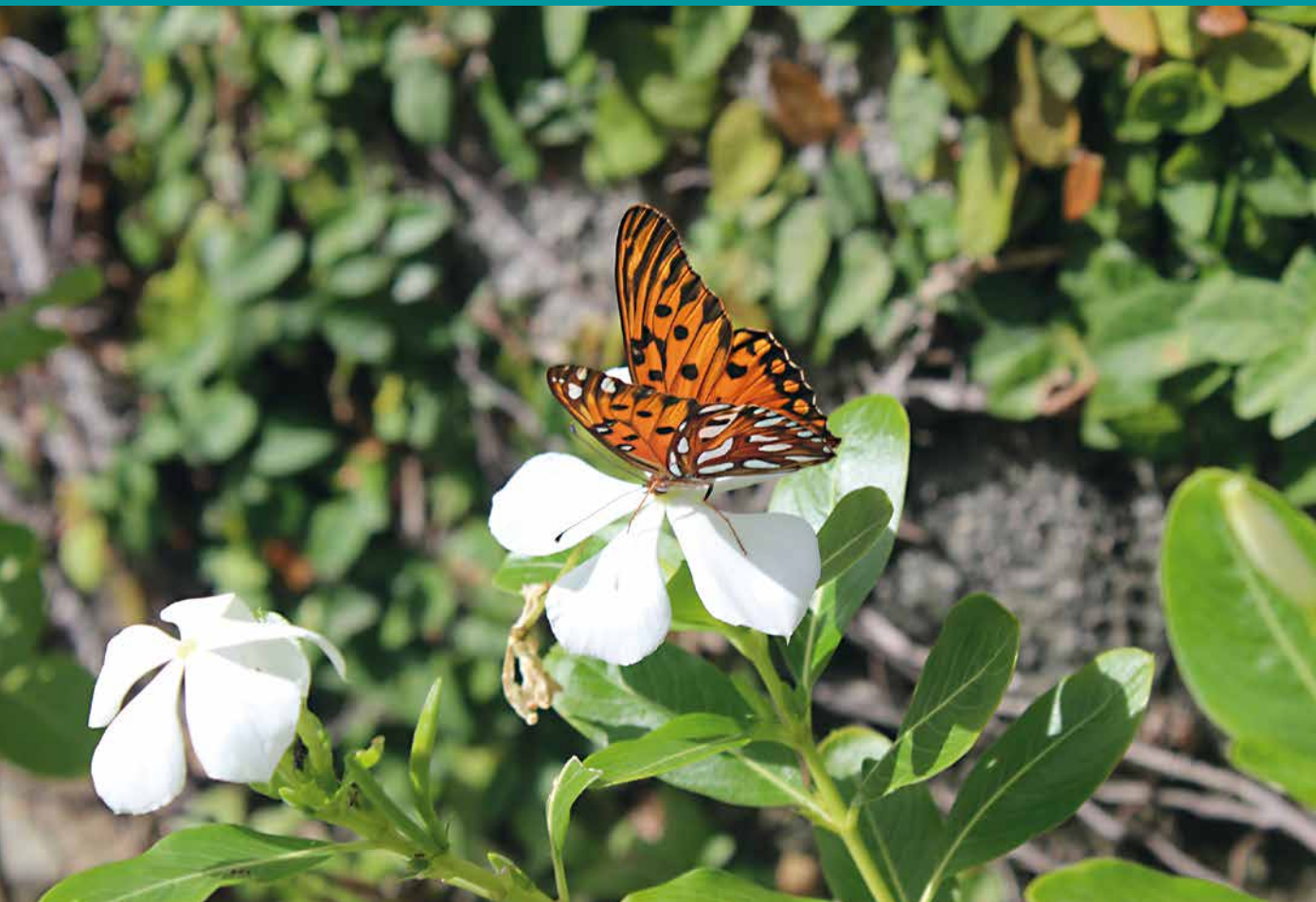


EM/ EJA 2º LUGAR | JOÃO PEDRO LOUREIRO BRAGA | 3ºC



EM/ EJA 3º LUGAR | LUIZA BONFATTI DE ANDRADE | T 3ºC

FOTO VENCEDORA DO JÚRI POPULAR



GABRIELA GOMES NOGUEIRA | T 704

Foi um sucesso o II Concurso de Fotografias
Pe. Lauro Paulo Palú.

A Associação de Pais e Mestres parabeniza
os participantes e vencedores e anuncia:
Ano que vem tem mais!

Aguarde as novidades e... participe!

Quem sabe sua foto não vai estar aqui na
próxima edição de **A Chama?**